

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 6

Janeiro - Fevereiro de 1931

N. 1 e 2

LATIFUNDIOS...

Uma das generalizações mais tolas dos nossos "filosofistas" é essa de pretender que o latifundio entre nós é um mal de efeitos economicos nefastos. Só uma visão muito estreita da nossa vida rural pode levar a erro palmar.

Mera visão de campanario.

Pode se facilmente discordar do Sr. Pinto Serva, das suas ideias economicas, mas força é confessar que elle esta com a razão quando afirma: "A meu ver não existe no Brasil o problema do latifundio. Não existe porque no territorio brasileiro, ora com 40 milhões de habitantes, cabem 400 ou 500 milhões. Na densidade observada na Belgica, cabe no Brasil a população do mundo inteiro, isto é, cerca de um bilhão e novecentos milhões de homens. As terras no Brasil são as mais baratas, e estão na maxima parte por se explorarem. A pequena propriedade não tem dificuldade nenhuma para se formar. Parece-me que só a sciencia livresca pode ver no nosso paiz o problema do latifundio".

Sem o regime das grandes propriedades — regime fatal em todas as terras moças — que seria da nossa agricultura? Onde temos melhor lavoura, melhor industria pastoril? Nas grandes fazendas. Só um cego é que não vê isto.

Todos os aperfeiçoamentos da agricultura e da pecuaria só podem ser applicados pelo grande proprietario rural. Qual a fazendola que pode arcar com as despesas de um cilo? Qual o sitio que pode manter um tractor? Não estamos vendo em todo o mundo a volta ás grandes propriedades?

O que são os sindicatos de agricultores e criadores, as companhias agrícolas, todas essas formas de agremiação dos pequenos proprietários rurais de todo o mundo sinão uma evidente volta às grandes propriedades? E' que o proprietariozinho não pode fatalmente passar alem de um certo progresso do mesmo modo que a pequena industria.

Todo mundo sabe que só a grande industria é capaz de bāratear o custo de producção, da mesma sorte que só a grande industria agricola pode entrar em competições de preços. Com pequenos sitiozinhos e fazendolinhãs não teremos jamais grande producção, capaz de fazer numero no mercado mundial; quando muito servirão para o consumo limitado interno, e assim mesmo male male.

Demais o grande proprietario é muito maleavel, muito mais sensivel a um movimento progressista do que dez sitiantes, em geral muito mais rotineiros, justamente porque é mais facil faltar lhes instrução do que áquele. O grande fazendeiro pode viajar, instruir-se ser tocado pelo exemplo ou pela propaganda escripta. Pode enfim, "experimental", "ver no que dá" esta ou aquella novidade agricola. Sua renda sendo maior, e seu credito tambem, pode ele desviar, muito bem uns tantos por cento do lucro ou do capital invertido, para aqueles ensaios, para experimentar as "novidades".

Demais, como justifica o nosso publicista citado: "No Brasil não existem os morgados hereditarios e infragmentaveis. Não existem tambem aqui, relativamente ao nosso territorio, aqueles grandes territorios hereditarios que os lordes faziam questão de legar intactos a quem fosse portador do titulo nobiliarchico". Aqui, ao contrario, a fragmentação das grandes glebas é um facto de todos os dias. E o antigo "colono" pode — si trabalhou e ameaçou — adquirir uma de suas partes, e tornar-se proprietario; o que seria utopia na Europa, em geral, onde o "colono" praticamente deverá ser um mero feudatario, um vassalo.

Por fim um ultimo argumento. Corram se os olhos pela producção agricola do Brasil, é nas grandes fazendas de café e de gado, nas usinas de assucar que encontraremos a *base fixa* da nossa vida economica. "Sem a grande propriedade, corrobora Pinto Serva, não se teria formado a maior riqueza do Brasil, isto é, os seus cafesaes que pode dizer-se, contribuíram com 50 por cento das desp sas federais e, talvez, oitenta por cento das estaduais".

Essa discussão, portanto, contra os nossos latifundios está errada; é vasia de justificativas, deve morrer por inutil. Outros são os nossos problemas rurais e economicos.

Janeiro de 1931

J. A. ANTONIL